

Em 2025, completam-se sessenta anos desde a publicação de duas obras fundamentais do filósofo Louis Althusser: *Pour Marx* e *Lire le Capital*, esta última escrita em colaboração com Étienne Balibar, Roger Establet, Pierre Macherey e Jacques Rancière. As duas obras foram fruto de um projeto de grande envergadura conduzido por Althusser, um trabalho que consistia em estabelecer as bases para uma investigação epistemológica e histórica não apenas da interpretação de Marx, mas também da própria filosofia. Este projeto caracterizou-se pela postura crítica que o filósofo francês sustentou ao longo de toda a sua trajetória, posicionando-se contra as interpretações idealistas e economicistas da obra de Marx. Não sem provocar debates acalorados — tanto com o Partido Comunista Francês, do qual Althusser era militante ativo, quanto com marxistas britânicos, de John Lewis a Edward Palmer Thompson — o anti-humanismo teórico das obras da década de 1960 buscou elaborar um diagnóstico das categorias que, sob a égide da figura do Homem, se apresentavam como obstáculos à teoria marxista. Assim, noções como as de alienação, gênese, consciência e essência humana, foram questionadas a partir de uma leitura inovadora da obra de Marx, leitura esta que se apoiava na tese do corte epistemológico entre as obras de juventude e as obras da maturidade do autor alemão. Com a tese do corte epistemológico, Althusser pôde não somente analisar as pretensões teóricas do humanismo filosófico, mas igualmente examinar as exigências teóricas que levaram a uma tal mutação no interior da obra de Marx, o que não se fez sem que se levasse em conta as relações deste com o seu próprio campo ideológico e as figuras que o dominavam como Hegel e Feuerbach.

O projeto crítico empreendido por Althusser nos anos 1960 exigiu, igualmente, elaborações teóricas consequentes, que evidenciam a intenção de enunciar conceitualmente as teses presentes no corte, mas não expostas por Marx, e, com isso “produzir uma surpreendente constelação de instrumentos conceituais”<sup>1</sup>. É por isso que a leitura de *Por Marx* e *Ler O Capital* deve ser compreendida a partir da “construção em ato” de conceitos decisivos e originais. Nesse sentido, o conceito de *sobredeterminação*, no qual se formula a ideia de um “todo complexo com dominante”, e o de *causalidade estrutural*, que propõe a eficácia de uma causa ausente, operam uma transformação importante na interpretação da tópica marxista (infra e superestrutura) ao buscarem afastá-la de uma leitura mecanicista. Além disso, eles permitem uma interpretação do tempo histórico irredutível a uma concepção teleológica e em contraste com uma representação da causalidade histórica reduzida ao esquema da contradição simples e

---

<sup>1</sup> Balibar, Étienne. “Avant-propos pour la réédition de 1996”, p. VI. In: Althusser, Louis. *Pour Marx*. Paris: La découverte, 2005.

da necessidade unilinear. A construção desses conceitos é feita através da leitura e do uso próprio que Althusser faz de outros filósofos, tais como Espinosa e Maquiavel, bem como de seu diálogo intenso com a psicanálise e as obras de Freud e Lacan e de sua interpretação de Lênin e Mao Tsé-Tung.

É precisamente à relevância crítica e conceitual das obras da década de 1960, bem como aos embates que tensionam suas teses, que buscamos retornar com o intuito de evidenciar a atualidade e a força teórica do gesto althusseriano de reler Marx. Não se trata, com isso, de celebrar uma filosofia outrora importante, mas supostamente superada no campo da prática e da teoria política; trata-se, ao contrário, de evidenciar a força contemporânea dos instrumentos teóricos elaborados por Althusser. Essa força se manifesta na qualidade e na heterogeneidade dos artigos reunidos neste dossier.

Os textos apresentados nesta edição da Revista *Dialectus* reúnem contribuições de quatro autores convidados e pesquisadores das áreas da filosofia, do direito, da história, da psicanálise, das ciências sociais e da educação, que responderam à chamada pública lançada pelos editores. Entre os autores convidados contamos com as valiosas contribuições de Pascale Gillot, Diego Lanciote, Jean-Baptiste Vuillerod e Julien Pallotta.

Pascale Gillot, professora na Universidade de Tours, na França, e especialista da obra de Louis Althusser e de suas articulações com a psicanálise, aborda em seu texto o materialismo elaborado a partir da exigência epistemológica do “retorno a Marx” proposta pelo filósofo francês. A pesquisadora destaca o esforço de Althusser em formular uma teoria materialista que implique uma concepção do processo de conhecimento nos termos de uma “abstração virtuosa” e que, para isso, sustente uma postura rigorosamente crítica diante de qualquer pretensão idealista ou empirista. Gillot, enfatiza a importância da obra de Espinosa na elaboração da concepção althusseriana do processo de conhecimento e propõe, de forma original, sua leitura como um “materialismo racionalista”.

O artigo de Diego Lanciote propõe uma leitura bastante original de *Sur le jeune Marx*, destacando as complexas questões que Althusser precisa enfrentar ao buscar pensar, a partir de Marx, a relação e a articulação entre o indivíduo concreto e a história real. Pois esta articulação é justamente o problema do “commencement” através do qual aparece a relação entre ciência e ideologia e de seu desdobramento entre a ideologia singular de um pensamento e o campo ideológico existente, desdobramento que tem de lidar com um outro problema, o da relação entre interioridade e exterioridade. Com isso, Lanciote evidencia como as dificuldades

dessa articulação conduzem Althusser a uma leitura e interpretação singulares de Hegel e Espinosa.

Jean-Baptiste Vuillerod investiga a transformação que Althusser realiza da noção de prática, por meio de uma leitura singular das filosofias que anteriormente abordaram esse tema, como as de Gramsci, Sartre e Lukács. O autor, que recentemente desenvolveu sua tese sobre o “momento anti-hegeliano” da filosofia francesa dos anos 1960, mostra como a leitura crítica que Althusser faz das noções de tempo e história em Hegel é decisiva tanto para uma nova compreensão da noção de prática quanto para o entendimento da complexidade do todo social.

O artigo de Julien Pallotta traça um panorama da trajetória filosófico-política de Louis Althusser, destacando seus embates com o Partido Comunista Francês, o contexto de Maio de 1968 e os momentos de autocrítica em que o filósofo redefine sua concepção da filosofia como “luta de classes na teoria”. Ao final, Pallotta retoma conceitos fundamentais desenvolvidos por Althusser nos anos 1960 — como o de leitura sintomal, causalidade estrutural e corte epistemológico — para discutir sua atual pertinência e os desdobramentos que encontram na obra de pensadores contemporâneos.

10

Os artigos dos editores deste dossiê abordam, sob diferentes perspectivas, a obra do filósofo francês. Marcos Alexandre Gomes Nalli dedica-se à análise da obra coletiva *Ler O Capital*, desdobrando o gesto teórico althusseriano para investigar o que significa “ler” no contexto da publicação de 1965. Em sua abordagem, o autor destaca as especificidades da obra em relação aos comentários e manuais de leitura tradicionais, buscando apreender a concepção particular de leitura ali proposta, especialmente em contraste com a fase “politicista” da trajetória intelectual de Althusser. O artigo de Lorena de Paula Balbino propõe uma análise da noção de sujeito nos textos de Althusser produzidos entre 1960 e 1970. Considerando algumas das críticas dirigidas à teoria althusseriana da ideologia, a autora revisita os principais aspectos de sua obra com foco na categoria de sujeito. O objetivo é evidenciar como essa categoria foi criticada por Althusser enquanto noção essencialmente idealista e empirista, para, então, ser reformulada a partir de uma concepção de subjetividade constituída pela e na interpelação ideológica.

Os artigos de Émerson Pirola, “A teoria spinozista da ideologia e do corte epistemológico de Louis Althusser: da imaginação à ciência da causalidade estrutural”, e de Lauro Iane de Morais e José Alcides Hora Neto, “Por que Althusser leu Espinosa?” exploram a influência de Espinosa na formulação de uma concepção do processo de conhecimento que

escapa aos paradigmas idealistas da ciência clássica. Além disso, destacam o papel central da filosofia espinosana na elaboração do materialismo althusseriano e na construção de sua noção de ideologia.

O artigo de Paulo Henrique Flores Cople e Alexandre Marinho Pimenta, intitulado “Althusser contra e com Hegel: o debate em torno do conceito de processo sem sujeito”, investiga a leitura althusseriana da relação entre Marx e Hegel. Os autores se debruçam especialmente sobre uma das afirmações centrais de Althusser nesse contexto: a ideia de que Marx não teria simplesmente invertido Hegel, mas sim preservado dele o conceito de “processo sem sujeito”.

É especialmente em torno das interpretações da teoria althusseriana da ideologia que se concentra a composição deste dossiê. Os artigos de Luciano Gomes dos Santos, “Althusser e a questão da ideologia: releituras e controvérsias”; de Maria Lucia Macari, “Ciência versus ideologia: um retorno à controvérsia althusseriana desde a psicanálise”; e de Noêmia Amélia Silveira Fialho e Marco Rampazzo Bazzan, “Louis Althusser e o teatro teórico da interpelação. Considerações sobre a Filosofia marxista entre metáforas e conceitos”, evidenciam a complexidade da noção de ideologia em Althusser, que, longe de estar esgotada, continua a provocar intensos debates e releituras.

O artigo de Taís Araújo, “Louis Althusser e os estudantes: aprender ciência para fazer política”, investiga o engajamento político de Althusser frente ao movimento estudantil francês durante as agitações de Maio de 1968. A autora analisa o diálogo que o filósofo buscou estabelecer com os estudantes por meio de artigos publicados na imprensa francesa, destacando como essa interlocução desempenhou um papel significativo na formulação de seu texto de 1970, “Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado”.

O artigo de Felipe Melonio Leite, “Além do clínamen: expandindo o cânone do “materialismo do encontro” da última fase de Louis Althusser”, investiga a fase final do pensamento de Louis Althusser, destacando a ampliação de seu “materialismo do encontro” a partir da incorporação da filosofia de Heráclito. Ao explorar a noção de *fluxo* como chave para compreender o dinamismo e a contingência da realidade, o texto propõe uma releitura do materialismo aleatório althusseriano, especialmente em seus escritos pós-1980.

Os artigos de José Mauro Garboza Junior e Luiz Guilherme Nunes Cicotte, “Louis Althusser no pequeno panteão: sua importância filosófica segundo Alain Badiou” e Rodrigo Augusto Leal da Silva, “Judith Butler leitora de Louis Althusser: interpelação, gênero e materialidade do discurso”, discutem a importância do pensamento do filósofo de Por Marx

para a filosofia contemporânea. Ambos os textos ressaltam a influência decisiva de sua concepção das relações entre filosofia e política, assim como a atualidade do conceito de interpelação para a compreensão da performatividade no debate teórico atual.

O dossiê se encerra com uma resenha de Lucas Barbosa Pelissari sobre a edição brasileira do livro “Louis Althusser”, de Francisco Sampedro, referência central nos estudos do marxismo althusseriano. Pelissari destaca a importância da obra para a compreensão das inovações teóricas de Althusser e sua pertinência nos debates marxistas contemporâneos. Como complemento, o leitor é brindado com a tradução inédita de dois textos de Althusser anteriores à década de 1960. No texto de apresentação que os acompanha, realizado por Flávio Roberto Batista e Murilo Amadio Cipollone, ressalta-se a precoce e contundente tomada de posição filosófica do autor em defesa do marxismo, em oposição às leituras revisionistas de Hegel que marcaram a cena intelectual europeia no século XX.

Boa leitura!

Lorena de Paula Balbino  
Marcos Nalli

12